

MIGRANTES PENDULARES: TRABALHADORES INFORMAIS NA FRONTEIRA EM CORUMBÁ, MS, BRASIL

Commuting Migrants: informal workers on the frontier in Corumbá, MS, Brazil

Migrantes Trabajadores: trabajadores informales en la frontera en Corumbá, MS, Brasil

DOI 10.55028/geop.v19i36

Isadora Sigarini de Moraes*

Resumo: O deslocamento de pessoas que atravessam o território fronteiriço para trabalhar, nos fez refletir sobre a polissemia da fronteira do Brasil com a Bolívia na cidade de Corumbá, Mato Grosso do Sul, onde investigamos o movimento pendular particular realizado pelos cidadãos bolivianos. Com o objetivo de compreender trajetórias, vivências, condições, organização, relações socioprofissionais e sentimentos no contexto do trabalho informal. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que como procedimentos, teve a revisão bibliográfica, as entrevistas e abordagens realizadas sustentando a articulação entre a episteme do fenômeno e a realidade vivenciada. Concluímos que os indivíduos vivem os efeitos da precarização do trabalho.

Palavras-chave: Fronteira, Movimento Pendular, Trabalhador Informal, Sofrimento Psíquico.

Abstract: The movement of people crossing the frontier to work made us reflect on the polysemy of the frontier between Brazil and Bolivia in the city of Corumbá, Mato Grosso do Sul, where we investigated the private commuting movement carried out by bolivian citizens. With the aim of understanding trajectories, experiences, conditions, organization, socio-professional relationships and feelings in the context of

Introdução

Este trabalho é fruto de indagações que surgiram a partir da observação *in loco*, do trânsito e deslocamento de pessoas que atravessam o território fronteiriço para trabalhar e levou a refletir sobre a polissemia da fronteira. O cenário deste estudo, a cidade de Corumbá, no oeste do Estado de Mato Grosso do Sul, fica situada na fronteira do Brasil com a Bolívia, e é localizada no centro do continente sul-americano.

Esta região possui uma notável influência histórica nas migrações internacionais, sendo porta de entrada importante para diversas nacionalidades, mas onde investigamos especificamente o movimento pendular muito particular realizado por estes cidadãos bolivianos (Oliveira; Marini; Loio, 2018).

* Graduação em Enfermagem (UFMS); Mestrado em Estudos Fronteiriços (UFMS). Pesquisadora do Observatório Fronteiriço das Migrações Internacionais (Migrafron). E-mail: isadorasigarini@gmail.com. ORCID: 0000-0002-7976-2635.

informal work. This is a qualitative research that, as procedures, included a bibliographical review, interviews and approaches carried out supporting the articulation between the episteme of the phenomenon and the reality experienced. We conclude that individuals experience the effects of precarious work.

Keywords: Frontier, Commuting, Informal Worker And Psychological Suffering.

Resumen: El movimiento de personas que cruzan el territorio fronterizo para trabajar nos hizo reflexionar sobre la polisemia de la frontera entre Brasil y Bolivia en la ciudad de Corumbá, Mato Grosso do Sul, donde investigamos el desplazamiento privado realizado por ciudadanos bolivianos. Con el objetivo de comprender trayectorias, experiencias, condiciones, organización, relaciones socioprofesionales y sentimientos en el contexto del trabajo informal. Se trata de una investigación cualitativa que, como procedimientos, incluyó una revisión bibliográfica, entrevistas y abordajes realizados que sustentan la articulación entre la episteme del fenómeno y la realidad vivida. Concluimos que los individuos experimentan los efectos del trabajo precario.

Palabras clave: Frontera, Desplazamientos, Trabajador Informal, Sufrimiento Psíquico.

Nossas pesquisas foram guiadas por conceitos ainda escassos quando aplicados ao movimento migratório particular que se dá nesta região de fronteira e como o ser migrante que pendula e que trabalha de maneira informal na cidade de Corumbá lida com as condições que lhe são impostas, que é indocumentado em sua maioria e assim, precarizado, invisível.

Este estudo abarca como temas centrais a fronteira, as vivências e trajetórias dos migrantes pendulares que são trabalhadores informais. Para a cumprir, assim, o objetivo que é compreender as trajetórias e vivências de prazer e sofrimento de trabalhadores informais na cidade fronteiriça de Corumbá, MS, Brasil.

A metodologia realizada, é uma pesquisa compreensiva de abordagem prioritariamente qualitativa, junto aos comerciantes informais que são migrantes pendulares e trabalham na cidade Corumbá, Mato Grosso do Sul.

O estudo teve como etapas a revisão bibliográfica, momento em que foram levantadas algumas categorias como fronteira, trabalho e informalidade (Oliveira, 2019; Loio, 2018; Dejours, 2000; Pujol, 2019), assim como a pesquisa de campo, submetida e aprovada pelo ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (CEP/UFMS)¹, foi realizada a aplicação de um questionário sociodemográfico e

¹ CAEE: 53324821.5.0000.0021. Número do Parecer: 5.511.320. Link: <https://plataformabrasil.saude.gov.br/visao/publico/indexPublico.jsf>.

de uma entrevista semiestruturada, a fim de entender a vivência do trabalhador e as possíveis situações que possam levar ao sofrimento psíquico no contexto ocupacional informal em área de fronteira. O local do estudo foi na Rua Edu Rocha na cidade de Corumbá, MS, Brasil, lugar onde se localiza um aglomerado de comerciantes informais.

Migração internacional pendular em fronteira

Nesta fronteira há o espaço onde a vida se desenvolve em sua plenitude. Aqui, trabalham, estudam, crescem, se relacionam. Como confirmamos na fala de Cotoca: *“acordo de manhã cedo, faço um chá, cafezinho, ao meio-dia já faço o almoço pros meus filhos que eles estão estudando, né? Eles vão pra fronteira depois do meio-dia, todo dia e volta de tarde”*.

Não se pode resumir a uma mera travessia, já que há uma vivência diária das implicações desse movimento, que podem trazer desafios, mas também oportunidades significativas. Enfrenta-se diariamente a incerteza ao longo do percurso, a xenofobia, ao mesmo tempo em que se busca um trabalho ou estudar em um país estrangeiro, visando melhorias na qualidade de vida (Pêgo *et al.*, 2021).

No entanto, ao transpor essa fronteira, o indivíduo é um migrante, tornando-se pendular ao retornar diariamente ao seu país de origem ou realizar múltiplas travessias dentro do mesmo dia. É importante ressaltar que a migração, quando não associada ao turismo, carrega conotações negativas. Portanto, a abordagem da relação entre fronteira e migração internacional requer uma cuidadosa consideração, já que são categorias frequentemente estigmatizadas, marginalizadas e invisibilizadas. Já que são em maioria, indocumentados, são também contratados sem regulamentação, recebem baixos salários, enfrentam contextos laborais abusivos e insalubres. A verbalização de Sucre *“por isso que a gente trabalha de segunda a segunda, a gente não tem descanso”* demonstra que vida do migrante pendular internacional é mais vulnerável e está exposta a diversas inseguranças pois, se submetem, por necessidade, a diversas situações que degradam o ser humano como sujeito, como abuso das autoridades locais de fiscalização, a existência de processos corruptos, dificuldades burocráticas para sua documentação legal (Moraes, 2023).

O movimento pendular é dinâmico e, conseqüentemente, um dos tipos de migração internacional mais intrincados e menos estudados. A rotina desses migrantes está intimamente ligada às especificidades desse vai e vem constante em seu país e no vizinho, ocorrendo de maneira repetida e interligada. Por isso, é importante que a região de fronteira seja reconhecida como um espaço de interação (Oliveira; Loio, 2019).

² Os participantes foram identificados com nomes de cidades bolivianas.

A postura reativa do Estado brasileiro historicamente tem sido uma constante, direcionando a gestão das fronteiras para uma abordagem mais centrada no controle e vigilância. No entanto, migração pendular voltada para consumo e serviços não foi contemplada no Censo Demográfico de 2010, visto que são dados, de difícil registro, há a inadequação do transporte público de passageiros (Pêgo et al., 2021) e estratégias de invisibilidades adotadas pelos migrantes.

Também não há obrigatoriedade de se obter o documento de fronteiroço ou registro de entrada e saída pela Receita Federal do Brasil e serviço de migração boliviana, já que o cidadão fronteiroço pela Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017 é qualquer pessoa nacional de país vizinho, que faz fronteira com o país, ou que more em municípios fronteiroços ao Brasil que conserva a sua residência habitual em município fronteiroço de país vizinho e podem cruzar a fronteira sem precisar se registrar a si ou seu veículo por até 150 quilômetros, considerado faixa de fronteira no lado brasileiro e para dentro da Bolívia, esta faixa corresponde a 30 quilômetros, como informado por autoridade boliviana durante a pesquisa.

Na região fronteiroça, o movimento de pessoas e mercadorias tem um impacto na economia, na vida urbana, na estrutura das cidades envolvidas, além de representar um elemento crucial da realidade social local (Weber; Silva, 2022).

A mobilidade migratória nesse contexto apresenta particularidades, ocorre a interação entre a população que cruza a fronteira sem se interiorizar nos países. Isso resulta na formação de uma área fronteiroça, onde elementos dos territórios envolvidos se misturam e a invisibilidade é uma condição muitas vezes necessária a sobrevivência nessas regiões de fronteira. Torna-se tão arraigada que, por vezes, a própria população se identifica com esse rótulo, sem acesso à justiça e aos benefícios governamentais. A falta de visibilidade em questões sociais, políticas e econômicas é facilmente percebida com uma observação mais atenta. No entanto, o que é verdadeiramente tocante nessa necessidade é a negligência em reconhecer os seres humanos como indivíduos visíveis, assim como suas questões familiares e emocionais (Pêgo et al., 2021).

Nesta ímpar região de fronteira não há homogeneidade, dificilmente alguma fronteira apresenta, pois os envolvidos apresentam multiplicidade, há estratégias adotadas que em algum momento pode ser ilícita, situações que agravam o preconceito entre os povos, sentido pela discriminação na forma como são vistos os bolivianos, como coloca Sucre em sua verbalização “*por a gente ser estrangeiro, começam a xingar*”, como se estivessem à margem e associados ao narcotráfico e a todo o tipo de ilícitos, como se nunca houvesse a participação de brasileiros em atividades desse tipo, mas dados apontam que a participação estrangeira em crimes identificados no Brasil é ínfima (Pêgo et al., 2021).

A região fronteiriça é caracterizada pela diversidade sociocultural (Peiter, 2005), dessa maneira as interações que ocorrem contribuem para a formação de uma identidade cultural resultante da mistura entre as nacionalidades (Machado *et al.*, 2005). Porém, as relações sociais com os migrantes podem ser escassas, conflituosas. A diversidade cultural nem sempre se une harmoniosamente (Santos, 1998).

Desse modo, os movimentos migratórios em regiões de fronteira correspondem a experiências além dos limites dos estudos e pesquisas, por isso a necessidade de pensar a fronteira através da compreensão de seus habitantes (Nogueira; Dal Pra; Fermiano, 2007).

O trabalho informal e a psicodinâmica do trabalho

Nesta migração pendular para o trabalho no caso da região de fronteira com a Bolívia, as atividades que cabem aos bolivianos são aplicadas quase sempre no mercado informal do comércio, que dificilmente exige documentação, por isso é grande a mobilidade pendular para o trabalho, visto que os informais correspondem à mão de obra menos especializada e mais barata. Assim, esta fronteira entre Brasil-Bolívia pode ser considerada um ambiente nutrido também pela economia informal, mas funcional (Loio, 2018).

A informalidade do trabalho resulta na ruptura dos laços formais de contratação e regulação da força de trabalho, apresentando um mecanismo similar à condição de precarização (Antunes, 2014), pois engendra práticas legais e ilegais, baixa proteção social, flexibilidade nos processos de trabalho e nas formas de remuneração, falta de garantias e, geralmente, uma alternativa para gerar renda diante do desemprego (Morrone; Mendes, 2003).

Dejours (1992) explica que as relações no ambiente de trabalho envolvem afetam o indivíduo e gerando sofrimento, pois a realidade fere o psiquismo humano. A pressão do mundo ocupacional também pode levar o trabalhador ao sofrimento psíquico (Moraes; Silva, 2015).

Embora o sofrimento psíquico não seja sinônimo de adoecimento, mas um sinal clínico que converge entre a organização prescrita e o real do trabalho, quando as imposições laborais entram em conflito com os próprios desejos e projetos, pode emergir o sofrimento patológico (Dejours, 2000).

Muito embora a Constituição de 1988 promulgue a universalidade dos direitos sociais, com a Nova Lei de Migração reiterando o migrante como sujeito portador de direitos, independentemente de seu *status*, o desconhecimento e desinformação despontam como elementos importante do não acesso a direitos (Chaves, 2020).

A condição de trabalho informal, segundo Bernardino e Andrade (2015), gera insatisfação e pouco retorno financeiro, condições que dificultam o acesso à saúde, educação, boa alimentação e diminui a qualidade de vida do indivíduo. Todas essas questões são fundamentais no entendimento acerca de viver a fronteira como imigrante pendular e trabalhador informal e o que isso produz na vida e saúde dessas pessoas (Moraes, 2023).

Portanto, é necessário demarcar o conjunto de elementos ideológicos, simbólicos, sociais e psíquicos que se relacionam com as vivências na trajetória ocupacional desencadeando o sofrimento, adoecimento e insatisfação nesse cidadão transfronteiriço, que faz do trabalho informal o seu sustento (Lima *et al.*, 2007).

Na temática que abrange a situação laboral do migrante, menciona-se a tríade saúde-trabalho-imigração como fundamentais na determinação social e compreensão dos condicionantes de saúde da vida do trabalhador. As classes de trabalhos que executam atividades laborais a céu aberto, por exemplo, são em maioria migrantes, estão expostos à radiação solar e por isso passa a ser considerado como grupo de risco sujeito a ter consequências relacionadas à exposição sem nenhum método preventivo adequado. Evidenciando a precarização laboral a que o migrante está sendo brutalmente submetido (Silva; Barreto, F; Barreto, T., 2020).

Montacucito nos contou que *“a gente se levanta cedo, acorda meu filho, primeiro tem que arrumar ela (bebê de colo), seu leite, ela é minha filha mais nova, aí a gente pega o carro e vem. Chega, monta, tem que arrumar tudo, depois já tem que desmontar de novo pra ir embora”*, corroborando para o fato de que pesquisas apontam problemas de saúde mental em trabalhadores migrantes, como casos de depressão ocasionados pela solidão aliada à longa e exaustiva jornada de trabalho, silêncio sobre o adoecer e o medo de perder o emprego e não conseguir se manter longe de casa (Leão *et al.*, 2017).

O exemplo dos imigrantes talvez seja o mais escandaloso, e mesmo assim invisibilizado pela tendência estrutural à precarização do trabalho. Falci, Souza e Scatolin (2020) explicam que o trabalho, no que concerne a problemática da migração, pode ser visto como uma ferramenta para a ressignificação de sua identidade e de seu sentimento de pertencimento no mundo, contudo, boa parte destas pessoas fica exposta a condições laborais precárias, em que há uma superexploração do trabalhador estrangeiro, fazendo com que ele precise trabalhar, até mesmo, em condições análogas à escravidão. Portanto, é essencial compreender como as vivências de trabalho podem influenciar a saúde mental.

Por ser uma teoria embasada tanto na Psicanálise quanto na Teoria Social, a Psicodinâmica do Trabalho (PDT) permite o estudo das relações laborais e como

estas se associam à saúde mental dos trabalhadores. Visto que “a relação com o trabalho nunca é neutra no que se refere à saúde mental” (Dejours, 2017, p. 15), podendo produzir saúde ou a sua degradação.

Um dos principais conceitos da PDT é o do sentido do trabalho, que diz respeito ao modo como a pessoa compreende seu trabalho, qual o lugar que o ato de trabalhar ocupa em sua vida e como isso pode influenciar sua saúde, construção que ocorre tanto de forma coletiva quanto individual (Lancman; Uchida, 2003; Costa, 2013; Tolfo, 2015).

Aliado a esse conceito estão as vivências laborais, que podem ser de prazer ou sofrimento. Para a PDT, o sofrimento não é sinônimo de adoecimento já que pode se tornar criativo, quando há a possibilidade de reconhecimento do trabalho, quando o sujeito pode implicar sua imaginação, suas ideias na sua atividade. Mas, por conseguinte, quando surge de forma que a ressignificação não é possível, torna-se patogênico, podendo provocar frustração, fadiga e adoecimentos psíquicos (Mendes, 2007; Ferreira; Macêdo; Martins, 2015; Von Borowski *et al.*, 2017).

Pode-se entender que o processo de ressignificação do sofrimento passa pelas estratégias de mediação, como quando existe cooperação, um compromisso que é simultaneamente técnico e social, uso da inteligência prática e debates abertos coletivos sobre as regras do trabalho, pois segundo Dejours (2004), o pertencimento a uma equipe é um instrumento poderoso para afastar a solidão social, auxiliando a identificar a direção para ressignificar as situações causadoras de sofrimento.

De fato, é importante enfatizar que o trabalho não se resume apenas à produção, mas também engloba a convivência, como nos disse Montacucito “*me relaciono com todos bem, todo mundo é amigável.*”. Isso é especialmente verdadeiro para os trabalhadores informais que são imigrantes e enfrentam longas jornadas de trabalho, o que leva ao desenvolvimento de relações e vínculos mais próximos com as pessoas com as quais trabalham do que com suas próprias famílias. Nesse processo, é essencial que os trabalhadores se mobilizem para lidar com os conflitos relacionados às diferentes abordagens de trabalho, visto que a organização real do trabalho se adapta de acordo a composição do coletivo (Dejours, 2004).

As estratégias defensivas que são adotadas pelos trabalhadores evitam as descompensações psíquicas que possam vir a ocorrer no contexto laboral, já que se caracterizam pela tentativa de minimização do sofrimento que inevitavelmente integra o trabalhar. Sendo seu uso frequentemente mais atrelado a um possível adoecimento, embora permitam com que os trabalhadores consigam continuar fazendo suas funções nas dificuldades e ocultem suas ansiedades (Mendes, 2007; Augusto; Freitas; Mendes, 2014; Von Borowski *et al.*, 2017).

Apesar da importância para o desenvolvimento, ter um trabalho não significa ter a experiência de ser respeitado, pois dependendo do tipo “o trabalho e/ou sua falta torna-se objeto de insatisfação, até mesmo de sofrimento.” (Wautier, 2012, p. 149).

É importante dizer, conforme Bernardo, Nogueira e Bull (2011), que o trabalho não pode e não deve ser visto apenas como agente patológico, mas deve ser considerado, também, como um vitalizador da saúde humana.

Devido à ausência de vagas no mercado formal, por necessidade, muitos optam por aceitar trabalhos precarizados e veem na inserção informal uma possibilidade de obter renda, mesmo tendo qualificação profissional e experiência para uma melhor colocação. Ressalta-se que muitos possuem a consciência de que são explorados, mas acabam aceitando e permanecendo, correndo o risco até de naturalizar o sofrimento que lhes é imposto (Moraes, 2023).

Ao estudar as modalidades de trabalho informal existentes, percebe-se que há tendência de mudanças no estilo de vida deste indivíduo ao inserir-se na informalidade laboral, já que geralmente ingressam em cargos inferiores, que por vezes não têm relação com sua área de formação profissional ou com as experiências anteriores e com renda salarial menor. Esta situação é mais relevante no caso dos migrantes e refugiados, porque ao migrarem ocorre, muitas vezes, a mudança na posição social e laboral, que pode ser perdida ao adentrar o país receptor (Silva; Barreto, F.; Barreto, T., 2020).

No caso do trabalhador informal que aqui, particularmente, também é um imigrante pendular na fronteira, a ordem imposta, o perfil esperado é a obediência diante das leis brasileiras e para com as autoridades, e ainda sentir-se e reconhecer-se inferior, desse modo não impondo seu idioma, cultura, valorização pessoal. Como retratado nesta fala de Cotoca *“levaram tudo, misturaram tudo a mercadoria, carregaram assim no caminhão, deixaram no depósito era pra ir, eles nos deixaram uma notificação para recolher a mercadoria de volta, eles falaram que ia entregar tudo, né? Mas a gente quando foi recolher a mercadoria, eles não voltaram tudo, muita coisa ficou aí na receita federal no depósito que eles deixaram.”*

É senso comum que estes comerciantes estão aqui sem pagar impostos e por isso não podem cobrar caro, ocupam um espaço brasileiro e por isso devem respeitar os nacionais, mas a recíproca não é verdadeira. Nossa intenção aqui é demonstrar como o trabalho é agente e espaço de tensão para que possamos conscientizar e humanizar as relações e o trabalho na fronteira.

Necessita-se tomar em conta o conjunto dos atravessamentos que afetam esse processo e aqui, neste estudo, vamos considerar o contexto situacional utilizando

também a escuta, um dispositivo central na psicodinâmica do trabalho, analisando o espaço, o tempo, as condições e os limites de possibilidades presentes nas organizações e instituições onde ocorrem (Carreteiro, 2014).

“A princípio, portanto, trabalhar é fracassar, trabalhar é sofrer” (Dejours, 2009, p. 51), no trabalho a normalidade supõe a existência de sofrimento, sob esta abordagem, é fruto da organização do trabalho e estará presente, o que diferencia é saber escutar se o sofrimento é patológico ou não. Para tanto é imprescindível que para poder ser escutado não deve ser abstraído das condições organizacionais que o engendraram e sustentam (Carreteiro, 2014).

A escuta precisa ser sensível ao conjunto do campo do trabalho analisando como atravessa a vida dos trabalhadores e quais tipos de defesas e potencialidades eles encontram para poder continuar trabalhando. Deve ser ativa e efetiva, considerando o poder de agir, tanto dos coletivos, quanto dos trabalhadores nas organizações. E estar alerta para poder identificar as barreiras que se constroem e impedem a possibilidade de pensar e questionar, sendo assim, distinguir o poder de agir da obrigação de agir é imperativo (Moraes, 2023).

O trabalho é um meio para o equilíbrio da estrutura psíquica e possui a função de construção do reconhecimento social, já que o ato de produzir permite o reconhecimento de si como alguém singular e original, que existe e tem importância social. Contudo, para se manterem empregados os sujeitos passam por um precário equilíbrio entre as forças desestabilizadoras dos sujeitos, causando muito sofrimento (Lancman; Uchida, 2003).

Ultimamente as mudanças sociais são aceleradas e dessa forma, estas modificações nas atividades laborais têm atingido todo e qualquer trabalhador, além de contribuir para a construção de ambientes favoráveis ao sofrimento. Na era da hipermodernidade, em que vivemos hoje, todas as características nas questões do trabalho são atravessadas pelo excesso, devido ao contexto contemporâneo em que o mundo do trabalho está inserido, no qual submete o trabalhador a uma série de exigências que demonstram consequências na subjetividade dos trabalhadores (Carreteiro, 2014). Por isso, compreender o contemporâneo contexto do trabalho a partir da escuta dos trabalhadores precarizados é importante.

Explorando dados

Todos os quinze participantes possuem apenas o trabalho informal como fonte de renda familiar atualmente, inclusive há um participante que possui dois empregos e os dois são trabalhos informais. A precariedade das formas de inserção no mercado laboral formal entre parte dos imigrantes internacionais é reforçada

neste estudo, pois a maioria dos migrantes afirmaram que nunca tiveram sua carteira de trabalho assinada, como reconhecemos nesta fala de Cobija “*Olha, eu tenho 30 anos trabalhando sem carteira assinada*” revelando a existência de um grupo altamente vulnerável às várias formas de superexploração.

E ainda percebemos que o trabalho informal para os participantes é compreendido como uma função duradoura, exemplificada na verbalização de Montacucito: “*Eu continuo trabalhando porque a gente se acostumou, já está pra isso e não mais, já tem filho que fala que vai trabalhar igual o papai e a mamãe, vai seguindo. Eu preciso passar isso pra eles.*”

Assim, por meio dos resultados observa-se a importância da visibilidade por parte dos governos a esse público, bem como a atualização e implementação de políticas públicas voltadas a informar os imigrantes e toda a comunidade sobre a questão de saber o que compreende o trabalho informal. No estudo, consideramos que a trajetória e ambas as vivências, de prazer e sofrimento, coexistem, sendo inerentes ao ato de trabalhar.

Considerações finais

Este trabalho procurou ouvir de maneira humana e qualificada para compreender os significados de uma vida em pêndulo para o trabalho informal a partir das experiências relatadas tanto nas falas quanto na linguagem não verbal, no meio e aspectos de seu cotidiano que expressam essa forma de viver a pendularidade.

O ambiente laboral que se encontra no contexto do mundo do trabalho informal, proporciona possíveis riscos à saúde, com as intempéries, a ausência de equipamentos adequados para as realizações de suas tarefas. A maioria das pessoas nessas condições de labor não conseguem se proteger de acidentes em seu ambiente de trabalho.

Também identificamos o fato de que os trabalhadores não consideram às condições informais de trabalho em que vivem como algo temporário, é compreendido como uma função duradoura, o sujeito é induzido a se inserir em um trabalho precário, aceitar o mínimo, em detrimento de não vivenciar o desemprego.

Identificamos que a rotina revelada é muito cansativa, não há apenas o conteúdo das tarefas que estes trabalhadores realizam, mas as jornadas de trabalho que vivenciam são desgastantes, pois o trabalho na região de fronteira exige que acordem ainda durante a madrugada, chegando bem cedo para o trabalho já que realizam uma longa e dificultosa jornada que colabora para gerar sobrecarga de atribuições, que além de realizarem o trabalho por longas horas, precisam se des-

locar pela rodovia internacional que liga os dois países, e ainda resta os afazeres domésticos ao retornar para casa depois de um dia de trabalho.

Concluimos que os trabalhadores informais têm prejuízos a todo momento, seja em batidas policiais, seja perdendo produtos pela validade, mas são solidários aos mais necessitados da cidade e doam os produtos que ainda podem ser consumidos e utilizados em comunidades carentes do município.

Em relação às vivências positivas proporcionadas pela configuração da organização do trabalho, podemos ressaltar a autonomia e flexibilidade, contribuindo na realização do trabalho deste indivíduo, mas garantindo certa liberdade, o trabalhador acaba vivenciando tensões ao ter que aumentar seu ritmo de trabalho e, conseqüentemente, se sobrecarregar de tarefas, pois depende de seus próprios esforços para garantir o sustento.

O trabalho informal é realizado em condições muitas vezes insalubres e precárias, além de baixos salários, pouca segurança e condições ambientais inadequadas e todas essas características incidem diretamente em seu aparelho psíquico podendo vir a causar sofrimento demasiado e patogênico. É possível observar que os trabalhadores enfrentam, conscientemente, o sofrimento por meio de estratégias defensivas que até podem mobilizar e transformar alguns aspectos do trabalho, mas não mudam o contexto, no qual estão inseridos. Sobre a migração de bolivianos em Corumbá, a existência combinada entre preconceito e solidariedade para com a presença destes indivíduos, tornou o migrante produção de força de trabalho informal que deve ser explorada.

As falas também expressam vividamente a fronteira como oportunidade visto que concede a esses indivíduos e a tantos outros moradores da região a possibilidade do movimento pendular. Identificamos certa resistência dos trabalhadores, receio em verbalizar muitos detalhes acerca do seu contexto de trabalho, principalmente quanto a questões ligadas ao movimento migratório que realizam e o convívio com as autoridades brasileiras.

Concluimos, que no caso das atividades informais destes migrantes pendulares, práticas peculiares em relação aos aspectos legais/ilegais, como os benefícios atrelados à invisibilidade decorrente da indocumentação, a flexibilidade das relações de trabalho, ausência de vínculos contratuais, falsa sensação de liberdade, ausência de auxílios, benefícios e respaldo trabalhistas, fazem com que os indivíduos vivam precárias de condições de trabalho e os efeitos da precarização do contexto do trabalho, como o sofrimento, são vivenciados de modo banal.

Agradecimentos

Agradeço a instituição pública de ensino, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul que mantém as portas abertas na fronteira, para a fronteira e aos seres fronteiriços e a Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado do Mato Grosso do Sul (FUNDECT), pelo apoio financeiro (TO 131/2022). Agradeço ao querido Prof. Dr. Marco Aurélio e à gigante Prof^ª. Dr^ª. Vanessa Catherina, pelo tempo, olhar e cuidado cedido a mim nessa caminhada, que me ajudaram e encorajaram a seguir. Obrigada!

Agradeço principalmente aos seres fronteiriços pendulares que são trabalhadores informais, que trabalham de sol a sol, que dão cor e vida a esta fronteira, que sentem, que suam, que sofrem e se regozijam na esperança de um mundo igual para todos. Pelo tempo cedido, pelas falas e pela sinceridade, por me permitir ouvir e sentir com vocês um pouquinho da pendularidade.

Referências

- ANTUNES, R. Desenhando a nova morfologia do trabalho e suas principais manifestações. *In*: MENDES, A. M.; MORAES, R. D.; MERLO, A. R. (Orgs.) **Trabalho e sofrimento**. Práticas clínicas e políticas. Curitiba: Juruá, 2014. p. 25-43.
- AUGUSTO, M. M.; FREITAS, L. G.; MENDES, A. M. Vivências de prazer e sofrimento no trabalho de profissionais de uma fundação pública de pesquisa. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p. 34-55, abr. 2014.
- BERNARDINO, D. C.; ANDRADE, M. O Trabalho Informal e as Repercussões para a Saúde do Trabalhador: uma revisão integrativa. **Referência - Revista de Enfermagem**, Coimbra, v. 4, n. 7, p. 149-158, out./dez. 2015.
- BERNARDO, M. H.; NOGUEIRA, F. R.; BULL, S. Trabalho e saúde mental: repercussões das formas de precariedade objetiva e subjetiva. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 63, n. especial, p. 83-93, out. 2011.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 40. ed. São Paulo: Saraiva, 2007. 528 p.
- BRASIL. Lei nº13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 nov. 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13445.htm. Acesso em: 3 mai. 2022.
- CARRETEIRO, T. A ética da escuta do sofrimento em diferentes contextos institucionais. *In*: MENDES, A. M. B.; MORAES, R. D.; MERLO, A. R. (Orgs.) **Trabalho e sofrimento. Práticas clínicas e políticas**. Curitiba: Juruá, 2014. p. 103-114.
- CHAVES, J. A atuação da defensoria pública da união em favor de imigrantes durante a pandemia de covid-19: um relato de campo. *In*: BAENINGER, R.; VEDOVATO, L. R.; NANDY, S. (Coord.). **Migrações Internacionais e a pandemia de Covid-19**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2020. p. 66-78.
- COSTA, G. V. A Interdição da Feira Bras-Bol, em Corumbá-MS: Considerações sobre o comércio informal na fronteira Brasil-Bolívia. **Contemporânea**, São Carlos, v. 3, n. 2, p. 467-489, jul./dez. 2013.

- DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992. 170 p.
- DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. 160 p.
- DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 27-34. dez. 2004.
- DEJOURS, C. Entre o desespero e a esperança: como reencantar o trabalho. **Revista CULT**, São Paulo, v. 139, n. 12, p. 49-53. fev. 2009.
- DEJOURS, C. **Psicodinâmica do trabalho: casos clínicos**. 1. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2017. 144 p.
- FALCI, G. X.; SOUZA, N. B.; SCATOLIN, H. G. Imigrantes e refugiados no mercado de trabalho brasileiro: Uma revisão bibliográfica a partir das contribuições da Psicologia do Trabalho. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v. 22, n. 11, p. 135-151. nov. 2020.
- LANCMAN, S.; UCHIDA, S. Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 6, n. 6, p. 79-90, dez. 2003.
- LEÃO, L. H. C. *et al.* Migração internacional, saúde e trabalho: uma análise sobre os haitianos em Mato Grosso, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 7, p. 42-53, jul. 2017.
- LIMA, F. D. *et al.* Síndrome de Burnout em Residentes da Universidade Federal de Uberlândia – 2004. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 137-146, ago. 2007.
- LOIO, J. A. M. S. **Dinâmica laboral, pendularidade e situação documental em fronteira na perspectiva da criação e implantação do núcleo cidadania imigrante**: mulheres bolivianas nas feiras livres de Corumbá, MS. 2018. 117 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2019.
- MACHADO, L. O. *et al.* O desenvolvimento da faixa de fronteira: uma proposta conceitual-metodológica. In: OLIVEIRA, T. C. (Org.). **Território, população e desenvolvimento**. Campo Grande: Editora UFMS, 2005. p. 51-76.
- MENDES, A. M. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In MENDES, A. M. (Org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método, pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 29-61.
- MEZZADRA, S. Multiplicação das fronteiras e práticas de mobilidade. **Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, v. 23, n. 44, p. 11-30, jan./jun. 2015.
- MORAES, I. S. **Migrantes pendulares e o sofrimento**: trajetórias e vivências de trabalhadores informais na fronteira em Corumbá, MS, Brasil. 2023. 138 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, Corumbá, MS, 2023.
- MORAES, M. C.; SILVA, N. P. Saúde mental e as relações de trabalho: como a ansiedade influencia o comportamento humano no ambiente de trabalho. **Interface de Saberes**, v. 14, n. 1, p. 11-16, mai./jun. 2015.
- MORRONE, C. F.; MENDES, A. M. A resignificação do sofrimento psíquico no trabalho informal. **Rev. Psicol. Organ. Trab.**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 91-118, dez. 2003.
- NOGUEIRA, V. M. R.; DAL PRA, K. R.; FERMIANO, S. A diversidade ética e política na garantia e fruição do direito à saúde nos municípios brasileiros da linha da fronteira do MERCOSUL. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 227-236, ago. 2007.
- OLIVEIRA, M. A.; MARINI, J. F.; LOIO, J. A. Imigrantes Bolivianos da Planície e do Altiplano em Região de Fronteira: Distinções Progressivas em Solidariedade Seletiva. **Revista GeoPantanal**, Corumbá, MS, v. 12, n. especial, p. 219-232, abr. 2017.

OLIVEIRA, M. A.; LOIO, J. A. Migração Internacional Pendular em Fronteira: em busca de qualificações espaciais. **Revista Videre**, Dourados, MS, v. 11, n. 21, p. 54-67, jan./jun. 2019.

OLIVEIRA, J. C. **Espacialidades fronteiriças e práticas solidárias**: bolivianas em relações de vizinhança e de comércio em Corumbá, MS. 2019. 91 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Fronteiriços) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2019.

PÊGO, B. *et al.* (Org.). **Fronteiras do Brasil**: referências para a formulação de políticas públicas. v. 6. Brasília: Ipea, 2021. 376 p.

PEITER, P. C. **Geografia da saúde na faixa da fronteira continental do Brasil na passagem do milênio**. 2005. 311 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PUJOL, A.; GUTIÉRREZ, M. I. Enfoque clínico de las relaciones entre salud y trabajo: contribuciones y desafíos. **Laboreal**, Porto, v. 15, n. 2, p. 1-16, abr. 2019.

SANTOS, M. O retorno do território. *In*: SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec ANPUR, 1998. p. 15-20.

SILVA, S. A. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, p. 157-170, 2006.

SILVA, L. N.; BARRETO, F.; BARRETO, T. M. Saúde e migração em Roraima: rede social migratória e impactos psicossociais na vida do migrante venezuelano enquanto trabalhador informal. **Saúde em Redes**, Porto Alegre, v. 6, n. 3, p. 207-221, abr. 2020.

TOLFO, S. R. Significados e Sentidos do Trabalho. *In*: BENDASSOLLI, P. F.; BORGES-ANDRADE, J. E. (Orgs.). **Dicionário de Psicologia do trabalho e das organizações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. p. 617-626.

VON BOROWSKI, S. *et al.* Mobilização subjetiva e estratégias defensivas de trabalhadores metalúrgicos à luz da Psicodinâmica do Trabalho. **Psicologia Argumento**, Ribeirão Preto, v. 35, n. 88, p. 1-15, jan./abr. 2017.

WAUTIER, A. M. O trabalho em perspectiva: identidade e subjetividade. **Revista de Ciência Social**, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 149-173, jul./dez. 2012.

WEBER, M. A.; SILVA, R. C. Entre pontes e livros: educação superior em medicina na fronteira Brasil-Paraguai. *In*: CARDIN, E. G.; ALBUQUERQUE, J. L. (Orgs.). **Fronteiras, deslocamentos e suas dinâmicas sociais**. Uberlândia: EDUFU, 2022. p. 17-44.